

**A PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA CONFRONTADA
COM O IMAGINÁRIO DO PESQUISADOR**

**THE PROBLEMATIZATION OF RECHERCHE ONFRONTED
WITH THE IGAGINARY OF THE RESEARCHER**

Autores:

¹Constantin Xypas

Doutor em Ciências da Educação pela Université de Caen, França. Professor titular
da Université Catholique de l'Ouest- Angers, França

Contato do autor principal:
constantin.xypas@gmail.com

A PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA CONFRONTADA COM O IMAGINÁRIO DO PESQUISADOR

THE PROBLEMATIZATION OF RECHERCHE ONFRONTED WITH THE IGAGINARY OF THE RESEARCHER

¹Constantin Xypas

Resumo

De acordo com Durkheim (1894; 1897), Dewey (1938), Bachelard (1953) e Bourdieu (1997), toda pesquisa precisa produzir um novo saber. Porém, isso depende não só da metodologia e da fundamentação teórica, mas antes de tudo, da maneira de pensar o problema. Ora, a problematização, já bastante difícil para os pesquisadores experientes, se torna mais difícil para os mestrandos e doutorandos. Pensando nestes e em seus orientadores, o presente artigo visa a responder as seguintes perguntas: Em que consiste a atividade da problematização? Em que fonte o pesquisador baseia a problematização da sua pesquisa? A partir da nossa experiência enquanto orientador, constatamos que a principal fonte da problematização vem do imaginário do pesquisador. Daí a pergunta: Como o orientador pode lançar mão do tipo de imaginário do seu aluno para ajudá-lo? Este estudo combina as estruturas antropológicas do imaginário segundo Durand (1969), com suas dimensões sociais que são a ideologia e a utopia, no sentido de Ricoeur (1997). Nossa contribuição original consiste em propor uma tipologia do imaginário combinando as teorizações precitadas a fim de servir aos orientadores, inclusive quando percebem que o aluno está bloqueado e não consegue problematizar.

Palavras-chave: Problematização. Imaginário do pesquisador. Orientação de pesquisa.

Abstract

According to Durkheim (1894, 1897), Dewey (1938), Bachelard (1953) and Bourdieu (1997), every research must produce new knowledge. However, this depends not only on the methodology and theoretical basis, but, above all, on the way of thinking about the problem. Now, problematization, already difficult enough for experienced researchers, becomes more difficult for master's and doctoral students. Thinking about these and their advisors, this article aims to answer the following questions: What is the problem-solving activity? In what source does the researcher base the problematization of his research? From our experience as a guide, we find that the main source of the problem comes from the imaginary of the researcher. Hence the question: How can the tutor get to use his student's imaginary type to help him? This study combines the anthropological structures of the imaginary according to Durand (1969), withits social dimensions that are ideology and utopia, in the sense of Ricoeur (1997). Our original contribution consists in proposing a typology of the imaginary combining the above theorizations in order to serve the counselors, even when they perceive that the student is blocked and can not problematize.

Key words: Problematization. Imaginary of the researcher. Search Orientation.

INTRODUÇÃO

De acordo com Durkheim (1894; 1897), Dewey (1938), Bachelard (1953) e Bourdieu (1997), a pesquisa científica visa a produzir um saber de caráter inédito na bibliografia científica especializada e, ao mesmo tempo, de alcance geral. Retenhamos, pois, estes dois critérios. Por um lado, toda questão inédita não tem alcance geral, por outro, a pretensão do inédito não significa que nenhum outro pesquisador antes de mim não tenha estudado o problema. Significa na verdade, que eu vou abordá-la de outra forma, quer dizer, com uma nova metodologia a partir de dados empíricos e/ou diferente teorização. Esse novo tratamento de um problema antigo, tanto com uma nova

metodologia, quanto a partir de uma nova teorização depende estreitamente da pertinência da questão de pesquisa.

Por exemplo: “Como o homem inventou a fala?” é uma questão que não permite nenhuma pesquisa empírica. Pierre Bourdieu (1997, p. 61-110) qualifica de “escolástica” toda questão genérica, onde nenhuma pesquisa em Ciências Sociais poderá ser verificada ou não. Porém, nem toda questão que se refere a uma pesquisa empírica é automaticamente uma questão pertinente. Por exemplo, a questão “Quais são os fatores que beneficiam o aprendizado de uma língua?” conduziria o pesquisador a se aventurar em uma descrição demasiadamente detalhada e exaustiva deste fenômeno complexo. Pierre Bourdieu descarta igualmente da pesquisa em Ciências Sociais, o tipo de questão que ele chama de “descritiva”. Daremos o seguinte exemplo: “Quais são as dificuldades encontradas pelos alunos do 5^o ano na resolução de equações do segundo grau?” Logo, se for para desconfiar tanto das questões genéricas (“escolásticas”), quanto das questões descritivas como construir uma questão heurística¹?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Problematizar é questionar o que é comumente admitido

Segundo Émile Durkheim (1897/2007), a questão heurística advém do *questionamento* do que é comumente admitido, o que parece normal ou banal de um dado meio, daquilo que não se debate. Dito com outras palavras, trata-se de questionar uma crença compartilhada a partir de exceções que contradizem. A matriz de Durkheim da *questão* poderia ser formulada assim: Se a crença compartilhada é verídica, como explicar os fatos que se desviam da matéria conjectural? Uma formulação como esta conduz necessariamente o pesquisador a levar a cabo uma investigação para recolher informações de primeira mão. Trata-se, então de descrever as características da situação que se “desviam da matéria conjectural”, ou seja, da *doxa* e de propor uma nova explicação que se tornará crença por sua vez, sendo um dia, posta igualmente à prova por outra pesquisa.

Eis aqui um exemplo do “tornar enigma” dado à Patrícia Elliot-Fausta (2010), no quadro de seu Mestrado em Ciências da Educação: “Por que os alunos da ilha de Guadalupe apresentam resultados escolares menos satisfatórios que os alunos da metrópole?” A crença atribui tais resultados a diversos fatores: ao baixo nível socioeconômico da Ilha de Guadalupe; à decalagem linguística entre o crioulo, língua

¹ Que incita à pesquisa.

materna dos alunos com o francês, língua ensinada na escola; à insularidade e à distância da metrópole; à *matrifocalidade* que domina na composição familiar;² o *colorismo* que estabelece uma hierarquia nas cores da pele; as sequelas dadas à escravidão, etc.

À procura de uma explicação homogênea e simétrica

Entretanto, todos os alunos da Ilha de Guadalupe não se encontram em situação de fracasso escolar. Alguns conseguem mesmo vencer de maneira brilhante, apesar do determinismo que os levaria ao fracasso. Por isso, a pesquisadora teria uma razão de força maior para apresentar novo esclarecimento que faça avançar os precedentes, para explicar tanto os fracassos quanto os sucessos da minoria. Assim, quando o objeto de pesquisa é construído corretamente aparecerá uma nova explicação dotada necessariamente de duas qualidades, a “homogênea” e a “simétrica”. Uma explicação é “homogênea” se ela faz avançar as numerosas explicações parciais (DURKHEIM, 1894/2010); ela é “simétrica” se explica todos os casos concernentes (BLOOR, 1982), em ocorrência, tanto o fracasso da maioria quanto o sucesso da minoria.

Sendo assim, a hipótese “o fracasso escolar é mais significativo nas Antilhas que na França metropolitana por causa do sentimento de *vergonha de si mesmo* que sentiria os alunos das Antilhas porque são descendentes de escravos” se apoia numa análise psicopatológica a partir da obra de Franz Danon (1952), psiquiatra originário da Ilha de Guadalupe. No entanto, esta teoria não se satisfaz apenas com o “critério de simetria” de Bloor, porque explica somente casos de fracassos escolares. Ela não se satisfaz também com o “critério de homogeneidade”, caro à Durkheim, porque se trata de uma explicação individual. Para ser “homogênea”, a hipótese explicativa deve proceder da interação social, do mesmo modo que o sucesso e o fracasso escolares que são estudados neste presente caso, como a consequência de interações sociais.

Uma segunda hipótese consistiria a se inspirar da *Teoria das atribuições causais*, particularmente de Martin Seligman (1996) que pode ser resumida assim: “Haverá uma resiliência mais ou menos importante na qual o indivíduo atribui suas dificuldades a outrem e se percebe como vítima, ou se atribui a responsabilidade em suas dificuldades percebendo-se como ator de sua vida”.

Uma explicação deste tipo seria ao mesmo tempo “homogênea” (a explicação e os fatos observados relevam da interação social) e “simétrica” (ela explica tanto os sucessos quanto os fracassos).

² Quer dizer, o fato de que o papel da mãe seja a base familiar, os pais, quando estes existem, têm um papel menor.

METODOLOGIA

Por que o imaginário do pesquisador age tanto como obstáculo quanto, ao contrário, como recurso para a problematização? O imaginário será examinado primeiramente do ponto de vista *antropológico*, a partir das duas estruturas descobertas por Gilbert Durand (1969): a estrutura *heroica* e em seguida, a estrutura *mística*. Em seguida, nós abordaremos a dimensão social do imaginário do pesquisador, a partir dos trabalhos de Paul Ricoeur (1997), especialmente da releitura que este autor faz dos conceitos de *ideologia* e de *utopia*.

Dar-se conta da dimensão antropológica do imaginário

Segundo Gilbert Durand, um imaginário do tipo “heroico” apresenta quatro características: idealização, *diairetismo*³, simetria e antítese polêmica (p.506). O imaginário heroico pode bloquear a problematização por seu aspecto polêmico que idealiza um aspecto da realidade e faz prova de militância contra a devida distância do pesquisador em relação ao problema tratado exigido em toda pesquisa científica. No entanto, o orientador da pesquisa pode ajudar seu doutorando a desenvolver sua imparcialidade guiando-o em direção a uma observação atenta do fenômeno estudado desbloqueando-o em diversos aspectos graças à função *diáirética* deste mesmo imaginário (XYPAS; HÉTIER, 2009).

Quanto ao imaginário “místico”, ele apresenta características opostas ao imaginário heroico: persistência⁴; viscosidade, adesão antifrásica⁵; realismo sensorial (descrição visual, auditiva, olfativa, tátil) privilegiando demasiadamente a descrição. Dito em outras palavras, o pesquisador cujo imaginário é do tipo místico terá uma tendência a fazer descrições minuciosas e meticulosas demais e a se apegar ao aspecto concreto, colorido e íntimo das coisas (p.319-320). “Porém, o imaginário místico se caracteriza igualmente pela ‘viscosidade do tema que dita um pensamento que não é mais feito de distinção, mas de variações confusas sobre o mesmo” (p.311). Para afastar o doutorando do aspecto “viscoso e aglutinante”, o orientador deveria ajudá-lo para que ele adquira uma observação fina (XYPAS; HÉTIER, 2009).

Quanto ao imaginário « sintético », ele se diferencia do imaginário heroico de oposição e do imaginário místico de aglutinação na medida em que ele se compõe de

³ Do verbo *diairein*: separar uma coisa da outra; distinguir, determinar, definir.

⁴ A *persistência* se caracteriza pela tendência do pesquisador a sempre voltar de forma monótona sobre determinados temas particulares.

⁵ A *antífrase* consiste em empregar uma locução num sentido contrário ao sentido exato, por ironia ou eufemismo.

elementos antagonistas e faz alternar os materiais existentes das duas estruturas precedentes. Este tipo de imaginário não é inerente ao indivíduo – como a estrutura heroica e a mística – ele se adquire por uma educação exigente e um esforço contínuo constituindo o caminho supremo para a pesquisa.

De acordo com esta análise, a equipe do quadro doutoral de nosso laboratório pôs em prática uma metodologia do acompanhamento socio-construtivista (XYPAS; ROBIN, 2010) que permitiu aos estudantes cuja tese era difícil de chegar à defesa (JCH 2009; MRG 2010; EM 2010; VC 2010)⁶. Entretanto, não ficamos totalmente satisfeitos com o resultado. Por um lado, algumas teses defendidas não foram, segundo a banca, muito satisfatórias. Por outro, alguns doutorandos não conseguem sempre problematizar a pesquisa deles. Por que motivo?

A dimensão social do imaginário do pesquisador

A leitura do livro de Paul Ricoeur, *Ideologia e utopia* (1997) nos fornece uma nova chave de leitura. Uma nova leitura das produções intermediárias dos estudantes mostra que sob uma retórica argumentativa racional percebiam as fortes convicções que o estudante dissimula tanto quanto elas lhes forem preciosas. Elas se revelam de dois tipos: a ideologia, e de modo menos importante a utopia. Talvez estes dois registros se combinem ao ponto em que a demarcação deste provará certo incômodo. Será que esta nova constatação invalida a abordagem antropológica do imaginário tal qual tínhamos praticado até o momento, em proveito das noções de ideologia e da utopia que relevam do imaginário social estudado por Paul Ricoeur (1997)? Tínhamos a intuição que as duas abordagens se completavam, se bem que Gilbert Durand e Ricoeur pareçam se ignorar mutuamente.

Vale lembrar que para Ricoeur a ideologia é “um processo de distorção ou de dissimulação na qual um indivíduo ou um grupo exprime sua situação, porém sem a conhecer ou a reconhecer” (1997, p.17) e que a utopia é “uma maneira de escapar à lógica da ação por uma construção exterior à história e uma forma de proteção contra toda espécie de verificação por uma ação concreta” (1997, p.18).

A definição de Ricoeur se opõe à concepção usual da ideologia como a imagem deformada do real. Sua definição insiste na experiência do ator que exprime sua situação de maneira dissimulada e sem a reconhecer. Neste sentido, a adesão a uma doutrina política (como o socialismo), filosófica (como a não-violência), religiosa (como o

⁶ Respectivamente o doutorando e o ano de sua defesa.

budismo, por exemplo) ou pedagógica (pensamos a não-diretividade) não relevariam da ideologia, porém da utopia.

Destacamos, no entanto que a ideologia pode nascer da realização de uma utopia na medida em que a adaptação de um princípio generoso às duras contingências do real leva ao empobrecimento e faz aparecer efeitos perversos. Assim, o cristianismo, se impondo historicamente, contradiz a mensagem cristã do amor universal, incluindo o inimigo, da escolha da pobreza voluntária e da não-violência radical. Assim, logo que Ricoeur refere ao cristianismo, ao socialismo, ao Islamismo..., refere-se à utopia original, à ideologia de hoje ou oscila entre os dois? Se compreendo bem Ricoeur, o critério seria o seguinte: a adesão a uma utopia é desinteressada, enquanto que a adesão a uma ideologia é interessada na medida em que esta concerne a situação pessoal do indivíduo. Assim, numerosas pessoas creem defender um ideal quando na verdade elas exprimem simplesmente suas situações e a de seu grupo de referência.

A crença compartilhada

A crença compartilhada em Ciências Sociais é que a ideologia enquanto expressão dissimulada da situação vivida e a utopia enquanto escapatória à lógica da ação separa igualmente o pesquisador do real, cuja observação metódica e o raciocínio crítico são o próprio da atitude científica. Neste sentido, tanto uma como a outra impedem de aderir à ruptura epistemológica preconizada por Gaston Bachelard (1953) e ao passo do estudo que se termina na construção do problema, caro à John Dewey (1938/1990).

A tentação utópica versus a clausura ideológica

Todavia, a observação participante realizada tanto no seminário de pesquisa com os doutorandos como nas defesas de teses, afirmou esta crença na medida em que a clausura na utopia, no sentido de Ricoeur, constitui uma escapatória à ação, uma forma atenuada desta – *uma tentação utópica* –. Mas nós diríamos enfim, que se prova o contrário, ela se torna um fator positivo porque propenso à pesquisa.

Neste caso, o doutorando procura aprofundar sua intuição. É necessário, entretanto que o orientador o dirija indicando-lhe leituras apropriadas – não somente as que permitirão o aprofundamento de sua intuição, mas também àquelas que propõem modelos alternativos, dirigidas à observação metódica da experiência de terreno, especialmente dos fatos que “resistam” às suas expectativas.

Ainda segundo Ricoeur, a ideologia é um processo de distorção e de dissimulação pelo qual um indivíduo exprime sua situação, porém sem a reconhecer, tornando isto um freio à problematização. Neste caso, o pesquisador neófito ou bem ignora sua crença ou

se vê obrigado a dissimular tudo, agarrando-a mesmo se ele a julgue positiva e a defenda ou negativa e a combata. Nos dois casos, sua energia não está dirigida para a pesquisa de um *saber novo*, mas se dirige à pesquisa de *argumentos* em prol de uma convicção que se enraíza na sua vivência.

Ora, o doutorando não está consciente da situação: a adesão a uma ideologia sendo constantemente inconsciente como Paul Ricoeur demonstrou, o pesquisador inexperiente é persuadido – de boa fé – que “ele pensa por si mesmo” com toda autonomia e, portanto, percebe toda uma pressão de seu orientador como um intruso para o desprender, e sente como ilegítimo quanto mais sua crença se enraíza na sua vivência e é compartilhada pelo grupo de referência. E quanto mais a pressão será direta e de forma insistente, mais ele terá tendência a dissimular sua crença e a agarrá-la por solidariedade ao seu grupo.

Para sair deste ciclo vicioso, o aparato que foi experimentado no laboratório consistia em praticar um tipo de conflito sociocognitivo – no sentido de Piaget (PERRET-CLERMONT, 1979; DOISE; MUGNY, 1981) – durante os seminários interdisciplinares reunindo os doutorandos que trabalham com diferentes orientadores. Depois da apresentação de cada doutorando, são os seus pares, ou seja, os outros doutorandos que dão suas opiniões em primeiro lugar, submetendo assim o candidato a um questionamento que será tão formador para ele mesmo quanto mais os doutorandos forem espontâneos. Os dois professores presentes e sempre de disciplinas diferentes falam num segundo momento; estes têm então o prazer de organizar e de estruturar as observações feitas pelos outros estudantes antes de dar seus conselhos suplementares aos doutorandos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No entanto, apesar da satisfação experimentada pelos estudantes ao termo de vários meses de observações, alguns estudantes de Mestrado e de doutorado continuam a não poder problematizar seus projetos de pesquisa. Como explicar tal situação? Uma observação mais profunda sobre nosso público demonstra uma articulação das estruturas antropológicas do imaginário (“diairético-heroico” e “místico”) com os imaginários sociais que são a utopia e a ideologia. Obtém-se assim quatro tipos de imaginários à obra: a utópica-heroica; a utópica-mística; a ideológica-heroica e a ideológica-mística.

Contudo, nós notamos enfim, um quinto caso onde o estudante dá a impressão de desconfiar de seu imaginário e de se refugiar numa descrição rasa do real, pelas múltiplas e variadas observações, porém sem guia metodológico, nem problematização. Uma variante consiste em justapor as fontes teóricas sem estabelecer relação entre elas, sem as

aprofundar nem as questionar.

O imaginário utópico-heroico

Este se apresenta tanto a serviço de um ideal como por uma tomada de partido dicotômico sobre um dado assunto. Por exemplo, numa pesquisa sobre a sociedade civil, o pesquisador se pronunciava contra Habermas e Gramsci e era a favor do republicanismo cívico, porém conforme sua própria concepção de interculturalidade (MB 04/03/10). Sua vontade de promover a interculturalidade nas sociedades ocidentais é de fato, uma preocupação ética louvável. Mas não haveria nisto uma mistura de registros? Uma coleta de fatos sobre o terreno poderia ajudá-lo a conciliar seu imaginário social (utópico) e seu imaginário antropológico (heroico). Em outras palavras, a observação metódica de fatos concretos poderia fazer evoluir seu imaginário heroico de oposição e de combate em direção a um imaginário complementar que Durand nomeia de *diairético*, e que consiste a discernir, a distinguir, a classificar. Assim, ele poderia servir seu ideal de acolhimento do Outro por uma pesquisa do tipo sociológica.

O imaginário utópico-místico

Este se apresenta tanto ao serviço de um ideal como por uma inteligência do assunto de seu “mundo interior”. O leitor deve fazer um esforço para penetrar no pensamento, quer dizer, no mundo interior do autor.

Uma tese de antropologia dos cuidados, no presente caso, referimo-nos aos da enfermeira para com seus pacientes (H, 14/12/09)⁷ vai ilustrar bem este tipo de imaginário. Desejoso de desbloquear o que considera essencial sobre este tipo de cuidado como fenômeno geral, procedendo a uma análise radical deste cuidado suscetível de atingir o universal do essencial além de figuras concretas, o autor produz um trabalho atípico dado o tamanho de sua ambição: isso mostra um esforço de modalização deste cuidado primordial.

A banca se lamentou que embora usando a linguagem da fenomenologia, este ponto de vista fosse anunciado de modo afirmativo, faltando tanto o sustento da literatura quanto o empírico. Numa frase: a postura filosófica teria ancorado sobre as práticas.

Damos como segundo exemplo, uma pesquisa de Mestrado consistindo em estabelecer um ponto entre a literatura infantil e a matemática. O autor é, portanto consciente que “a fronteira e porque não dizer, o antagonismo entre estas duas disciplinas parece se construir desde a mais tenra idade” (ID, p.1, 09/03/10). A dimensão mística se

⁷ A inicial se refere ao nome do estudante e a data a versão do documento que foi entregue.

revela na vontade de levantar uma ponte entre dois elementos que se opõem e a tentação utópica concerne à finalidade da pesquisa: o despertar da matemática nas crianças pela literatura.

O imaginário ideológico-heroico

Apresenta-se tanto sob a forma de uma expressão dissimulada como um não reconhecimento da vivência do ator – no sentido sociológico do termo – e de uma tomada dicotômica de partido sobre um dado assunto. Por exemplo, numa pesquisa sobre a integração à escola de alunos especiais, o pesquisador não desvendou durante três anos sua empatia com os mestres desestabilizados pela intrusão em sua sala de aula apresentando alguns problemas ou outras particularidades (NC 06/03/10). Consciente da necessidade de uma tomada de distância em relação a sua prática profissional, mas estando preso a um “*processo de distorção ou de dissimulação*”, o pesquisador em questão não conseguia reconhecer seu posicionamento ideológico e conseqüentemente se desbloquear. Esta tomada de posição incerta o impedia de problematizar seu trabalho. A ideologia de fato, procurando a segurança ilusória de um “saber”, bloqueia a curiosidade que serve de motor à pesquisa de compreensão. O que estava em jogo, não era a compreensão de um problema, mas aquilo que estava em cena, incluindo a denúncia de uma vivência profissional compartilhada pelos colegas. Assim, o estudante não chegou a problematizar...

Um segundo exemplo vem de uma tese de doutorado em didática da estatística (NZ 08/03/10). Durante a defesa um debate opôs dois membros da banca, um matemático e um estatístico, sobre a relação entre as duas disciplinas deles. O matemático defendia que a estatística releva da matemática como a geometria. Então, o didático da estatística pretendia elevar a estatística a uma categoria de disciplina independente da matemática.

Estamos assim na presença dos elementos que caracterizam a ideologia segundo Ricoeur:

- uma vivência compartilhada por um grupo no qual aderiu o pesquisador;
- uma distorção da percepção sob o efeito do grupo;
- a dissimulação desta posição militante;
- enfim, a boa-fé das pessoas envolvidas, porque elas não estão conscientes que defendem uma identidade coletiva.

-

Uma pesquisa como esta só poderia ser concluída se ela se desenvolvesse no seio de uma comunidade compartilhando os pontos de vista do pesquisador.

Um terceiro exemplo se refere a uma estudante de Mestrado especialista da língua de surdos que queria provar a superioridade da *língua de sinais franceses* (LSF) sobre a *linguagem falada completa* (LFC). Neste caso, encontramos bem o imaginário heroico e

a ideologia. Ora, este projeto nunca chegou a ser concluído porque contrariamente ao precedente, a representação da estudante não era compartilhada pela equipe dos orientadores da pesquisa.

Quanto ao aspecto de “dissimulação” que parece central à ideologia segundo Ricoeur, ela existiria neste presente caso? A estudante não dissimulou seu combate, mas a origem do mesmo. Foi provavelmente o que a impediu de tomar a devida distância em relação a sua militância.

O imaginário ideológico-místico

Este caso combina a ideologia como processo de distorção e de dissimulação pelo qual um indivíduo exprime sua situação, mas sem a reconhecer, com o imaginário místico que consiste a procurar um conhecimento íntimo da situação.

Pensamos numa doutoranda que centralizou sua tese nas “transmissões imateriais entre as gerações de uma família”. Nunca tendo sido desvendado à que experiência pessoal ela se referia, nos fora difícil ajudá-la a problematizar. Quando pedimos uma descrição de uma situação vivida, ela aceitou, mas sem produzir nada, embora consciente para fazer não ser compreendida nem pelos professores nem pelos seus pares. Ela desviou seu projeto para um sentido menos esotérico. Mas, acabou por reconhecer que o fato se tratava de sua própria família...

Este exemplo ilustra o processo de distorção e de dissimulação operado pela solidariedade que funde com o “grupo de referência”, quer dizer, sua família.

Imaginário inibido

Enfim, identificamos uma quinta situação na qual o imaginário demonstra estar dissimulado ao ponto de o estudante se engajar numa simples descrição sem questionamento. Pensamos em uma estudante de Mestrado cuja pesquisa se isola numa descrição dos educadores especialistas, à tomar os textos oficiais, a apresentar as opiniões de alguns formadores (Hasn 27/02/10).

Esta situação não corresponde nem à rigidez ideológica nem a pesquisa a um fato que está para acontecer, o que caracterizaria a construção utópica. Nesse caso, a pobreza dos dados e a dificuldade de problematizar proviria do fato que ela não se esgota no imaginário do pesquisador. Acontece que o não enraizamento no imaginário constitui um novo tipo de obstáculo à pesquisa. Uma variante do imaginário inibido consiste em justapor fontes teóricas sem estabelecer relação entre elas, sem coerência nem aprofundamento nem questionamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levar em conta o imaginário do doutorando demonstra por um lado que esse é fundamental para a problematização da tese. Por outro lado, o estudo de nosso corpus mostra a necessidade de prolongar a abordagem antropológica de Gilbert Durand. A abordagem social do imaginário renovada por Paul Ricoeur nos foi de uma grande ajuda distinguindo de maneira nova a ideologia como obstáculo redibitório, da utopia como obstáculo necessário.

No entanto, nenhuma das duas abordagens não podendo sozinha dar conta da complexidade do real, foi-nos necessário propor uma terceira classificação articulando imaginário antropológico e imaginário social. Enfim, pode-se perguntar se levando em conta a forma específica do imaginário de cada doutorando, abandonos e insucessos não seriam diminuídos. O que abre um novo campo de pesquisa para a pedagogia universitária.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **Le Matérialisme rationnel**. Paris: PUF, 1953.

BLOOR, D. **Sociologie de la logique ou les limites de l'épistémologie**. Paris: Pandore, 1982.

BOURDIEU, P. **Médiations pascaliennes**. Paris: Le Seuil, 1997.

DEWEY, J. **Logique. La théorie de l'enquête**. Paris: PUF, 1938/1990.

DOISE, W.; MUNGNY, G. *Le développement social de l'intelligence*. Paris: InterEditions, 1981.

DURKHEIM, É. **Les règles de la méthode sociologique**. Paris: Flammarion, 1894/2007.
_____. **Le suicide**. Paris: PUF, 1897/2007.

DURAND, G. **Les structures anthropologiques de l'imaginaire**. Paris: Bordas, 1969.
ELLIOT-FAUSTA, P. **Colorisme et éducation dans le roman autobiographique de Joseph Zobel: La Rue Cases-Nègres**. Nantes, 2010. **Dissertação** (Ciências de Educação).

Departamento de Ciências de Educação, Universidade de Nantes, França, 2010.

FABRE, M. **Situations problèmes et savoirs scolaires**. Paris: PUF, 1999.

FANON, F. **Peau noire, masques blancs**. Paris: Seuil, 1952.

LEMIEUX, C. « Problématiser », in : PAUGAM, S. (dir.). **L'enquête sociologique**. Paris: PUF, 2010, pp. 27-51.

PERRET-CLERMONT, A.-N. **La construction sociale de l'intelligence dans l'interaction sociale**. Bern: Peter Lang, 1979/1986.

RICŒUR, P. **L'idéologie et l'utopie**. Paris: Seuil, 1996.

SELIGMAN M. *The optimistic child*. New York, Harper Reference, 1996.

XYPAS, C.; HÉTIER, R. 'La fonction de l'imaginaire dans la construction de la problématique en recherche doctorale : obstacle et outil'. **Revue Recherches en éducation**, Université de Nantes, CREN, 7, juin 2009, pp. 112-119. www.cren-nantes.net

XYPAS, C.; ROBIN, J.-Y. (2010). 'La dimension existentielle dans la recherche doctorale'. **Revue Recherches en éducation**, Université de Nantes, CREN, 2010.

Submetido em: 13.06.2018

Aceito em: 10.07.2018

Publicado em: 30.08.2018